Câmara Municipal de Caieiras

M O Ç Ã O nº 10/95

Senhor PRESIDENTE,

Senhores VEREADORES:

CONSIDERANDO que a revista **"ISTO É"**, edição nº 1.360 de 25 de outubro de 1.995, publicou matéria, assinada pelo Jornalista Mario Chimanovith, intitulada de **TRIÂNGULO DA MORTE,** referindo-se a episódios de chacinas ocorridas na região de Francisco Morato e Franco da Rocha e na referida matéria incluiu a cidade de Caieiras, inclusive comprometendo a hombridade dos valorosos componentes da corporação militar;

CONSIDERANDO que, no Município de Caieiras, muito embora considerado pelo jornalista como cidade dormitório, e que no entanto não o é, segundo declarações de nosso Delegado Titular, Dr. Rui Vicente da Silva, não existe sequer um Boletim de Ocorrência registrando as chacinas descritas pela matéria, e portanto nossa cidade deve ficar excluida do ról mencionado pela reportagem sensacionalista.

CONSIDERANDO que, é dever do Vereador, legítimo representante da população e defensor dos interesses do Município, fiscalizar todos os atos que venham a envolver, denegrir e comprometer a imagem das autoridades municipais;

É esta MOÇÃO, no sentido de REPUDIAR a matéria publicada pela revista "ISTO É", bem como a atitude do jornalista que deveria elaborar melhor o seu trabalho, realizando uma pesquisa mais completa, inclusive está sendo colocado ao seu dispor os registros de nossa Delegacia de Polícia, a fim de que o mesmo use do mesmo meio usado para envolver o nome de nossa cidade e faça uma retratação, a fim de que os

- segue -

Câmara Municipal de Caieiras

leitores da referida revista, a nível de todo o território nacional, possam ter conhecimento de que a nossa cidade é constituída de um povo ordeiro, trabalhador, que está incluida na lista das cidades mais desenvolvidas nos últimos anos, uma cidade pacata , tranquila, e que apesar de fazer parte da região da grande São Paulo, ainda guarda as tradições de cidade do interior, em franco desenvolvimento, fruto da união de seu povo e de seus Gover - nantes.

Plenário Vereador Dércio Pasin, 07 de novembro de 1.995.

APROVADO
ÚNICA DISCUSSÃO
S. S. 07 / 11 / 1995
PRESIDENTE



JUCA RODRIGUES

O médico Luiz Airton, do IML de Guarulhos: identificação difícil das vítimas dos matadores

POLÍCIA

Triângulo da morte

Chacinas na Grande São Paulo já mataram 212 pessoas em dois anos. PMs são os suspeitos

MARIO CHIMANOVITCH

Esta é uma história de horror e insanidade. O cenário são as cidades-dormitórios de Franco da Rocha, Francisco Morato e Caieiras, encravadas no norte da Grande São Paulo, com uma população de cerca de 350 mil habitantes. São protagonistas, de um lado, aqueles que a gíria policial define como "pés-de-chinelo", marginais sem expressão. No extremo oposto, psicopatas que os exterminam e mutilam. Evidências colhidas pela Divisão de Homicídios da Polícia Civil (DHPP) paulista revelam que esses predadores podem estar se escondendo sob uniformes da Polícia Militar. A ciranda do horror já dura dois anos e contabiliza 212 cadáveres, quase 30 deles decapitados e com os antebraços mutilados. Cabeças e braços são encontrados bem longe dos troncos. De acordo com os laudos, alguns pés-de-chinelo foram mutilados antes de morrer, em geral com um tiro na nuca. A mutilação pode indicar a intenção dos assassinos de impedir a identificação das vítimas. Mas também pode ser uma sinistra marca registrada dos matadores, cujo centro de ações é Franco da Rocha.

Pobreza e medo são comuns nesse triângulo da morte. Quase ninguém fala sobre a onda de crimes, e quase ninguém se aventura a permanecer nas ruas e bares modestos depois das 11 da noite. Basta que alguém, mesmo trabalhador e com a ficha limpa, esteja em companhia de um amigo marcado para morrer. Os matadores não deixam testemunhas. O medo, somado à conhecida falta de recursos, tem impedido até policiais experientes de investigar a fundo os assassinatos.



O delegado de Franco da Rocha, João Duran Filho, com quase 30 anos de carreira, teve que mudar radicalmente seus hábitos depois de comentar com jornalistas suas suspeitas sobre a identidade dos matadores. O carro de Duran apareceu com os pneus furados e a bateria roubada bem em frente à delegacia. Desde então, o delegado não comunica a ninguém seus horários de chegada e saída do escritório e usa sempre caminhos diferentes. Um investigador, também veterano, conseguiu achar a pista de alguns matadores em Franco da Rocha, mas terminou desistindo devido às ameaças de PMs, que volta e meia interceptavam seu carro para "verificar documentos". O delegado de Francisco Morato, Manoel Alberto Cardoso de Mello, outro policial experimentado, que começou como investigador e trabalha há cinco anos na área, foi vítima de um misterioso assalto. Ele interpretou o assalto como um "recado" das pessoas interessadas em fazê-lo interromper as pesquisas sobre chacinas.

A tensão constante sobre os policiais do triângulo levou o delegado-geral da Polícia Civil, Antônio Carlos de Castro Machado, a transferir, em setembro, as investigações sobre 47 assassinatos para a equipe especial da DHPP. A Corregedoria da PM também já enviou à região cinco equipes do serviço reservado, com o objetivo de investigar a participação de soldados nos crimes. Enquanto os policiais da DHPP reúnem evidências cada vez maiores sobre o envolvimento de PMs, oficiais superiores da corporação, como o tenente-coronel Antônio Carlos Rufino Freire, que comandou por alguns meses o 26º Batalhão, com sede em Franco

da Rocha, atribuem os assassinatos a "disputas entre quadrilhas de traficantes de crack". O atual comandante do batalhão, tenente-coronel Josias Sampaio Lopes, insiste em que – até agora – não existe nenhuma prova sobre o envolvimento de seus homens no morticínio. Já o prefeito de Franco da Rocha, Mário Maurici (PT), não hesita em afirmar que a polícia "deve procurar dentro de si mesma" os responsáveis pelos crimes que vêm dando uma fama terrível à cidade. "Muitas empresas já deixaram de se estabelecer por aqui, apesar dos generosos incentivos que oferecemos, devido à fama de violência no lugar vem ganhando", diz o prefeito. "O pessoal daqui é pacato e vive amedrontado com a situação", conclui.



JUCA RODRIGUES

O delegado Duran, de Franco da Rocha: mudança de hábitos

Não são apenas as mortes de pequenos marginais e de alguns inocentes que assustam os moradores da região. A Associação Comercial de Franco da Rocha registra diversas queixas de comerciantes que se dizem extorquidos por PMs locais. Os comerciantes são procurados por soldados, sargentos e mesmo oficiais, que lhes "sugerem" pagar uma taxa de proteção contra roubos e assaltos. Quem não aceita, é claro, termina sendo alvo dos ladrões. "Aqueles que pagam a tal taxa não têm mais problemas de segurança. Afinal, os marginais sabem que, se forem apanhados roubando, terão poucas chances de escapar vivos", diz um comerciante, implorando para não ser identificado.

A ciranda da morte teve início depois do assassinato do tenente PM Calvi Maillar, em Francisco Morato, em agosto de 93. Policial valente e arrojado, ele era uma espécie de herói para a tropa do 26º Batalhão. Seu retrato inaugurou, recentemente, a Galeria de Heróis do batalhão. Maillar foi morto por Marlúcio Gomes Pereira, foragido do Manicômio Judiciário de Franco da Rocha. Marlúcio se escondia em um barraco. O oficial terminou sendo vítima de sua própria valentia. Quando invadiu o casebre, o tenente foi abatido por um golpe de machado que quase lhe decepou a cabeça. O assassino acabou sendo morto por um "ganso", um informante policial. Há quem creia que a forma como Maillar foi morto inspirou os matadores da região a decepar cabeças e braços.

Verdade ou não, peritos consultados por ISTOÉ afirmam que os atuais exterminadores do triângulo da morte são especialistas em esquartejamento. A identificação das cabeças abandonadas longe dos troncos está a cargo do diretor do Instituto Médico Legal de Guarulhos, Luiz Airton Saavedra de Paiva. Para ele, "a identificação das vítimas é muito difícil. O médico acredita, porém, que os corpos são esquartejados a facão ou machadinha de açougueiro. "Quem faz isso tem conhecimentos de anatomia", diz um perito. A equipe da DHPP investiga o fato de um dos PMs suspeitos ter um parente que trabalha num necrotério da região. Também é curioso o fato de luvas cirúrgicas terem sido encontradas junto a corpos mutilados. Algumas viaturas policiais possuem esse material para remover feridos ou mortos. As luvas também são usadas no manuseio de cadáveres, nos necrotérios.



RICARDO GIRALDEZ

O coronel Josias, do 26º BPM, do qual Maillar (à dir.) foi herói: "Briga de gangues"



FOTOS: JUCA RODRIGUES

Lista macabra

Em menos de um mês, a equipe especial da DHPP, sob o comando do delegado Wagner Giudice, conseguiu relacionar 12 mortes em que há indícios de envolvimento de policiais militares. ISTOÉ teve acesso ao relatório reservado, de 3 de outubro, que foi remetido pela equipe especial ao delegado-chefe do DHPP. O documento relata vários casos sob investigação.

■ **Caso 1** – Inquérito Policial (IP) 093/95 – Referente à morte de Nivaldo dos Santos. O corpo foi encontrado em 10 de fevereiro na Estrada da Cacéia, em Franco da Rocha, sem a cabeça e os dois braços. Ele desaparecera seis dias antes, após se envolver em uma briga de bar, onde houve intervenção da PM. Nivaldo fugiu por um matagal e foi perseguido pelos policiais. O comando da PM nega ter atendido a ocorrência, mas diz que, naquela noite, estavam de serviço o 3º sargento Marcos Aparecido Correia César, o cabo Gilson Alves de Farias e os soldados Aluísio Guedes, Abel do Carmo Rosa, José Jair Angelo da Silva, Adão Divino Loiola, Altemar Penteado do Nascimento e Eugenio Satriano. A DHPP ouviu os PMs, que acabaram admitindo ter atendido a ocorrência, mas negaram a captura e o assassinato. Segundo eles, Nivaldo conseguiu fugir.

■ **Caso 2** – IP 091/95 – Sobre os assassinatos de Valdir de Jesus Vieira, 16 anos, e Luciano Silva Sales, 21 anos, em Serra dos Cristais (Franco da Rocha). Os corpos foram encontrados no dia 14 de fevereiro. Os dois rapazes, serventes de pedreiro recém-chegados de Minas Gerais, não tinham passagens pela polícia. Foram mortos a tiros quando iam apanhar o trem para São Paulo. Segundo testemunhas, eles foram confundidos com assaltantes de um supermercado e presos pela PM. Uma prima de Luciano ouviu um PM dizer, na delegacia de Franco da Rocha: "Fizemos uma bobagem ontem, matamos dois caras errados."

■ **Caso 3** – IP 117/95 – Referente às mortes de José Zacarias Vitório, Antônio Luzia dos Santos e Wellington Renovato dos Santos, em fevereiro, em Franco da Rocha. Os três tinham fichas policiais e foram mortos a tiros. De acordo com uma denúncia, os matadores usavam o Voyage placa OY 6789, de São Paulo. O proprietário, José Delcides Loureiro de Souza, tem um filho policial, lotado no 26º Batalhão de Franco da Rocha. E o rapaz usa o carro com frequência.

■ **Caso 4** – IP 685/94 – Morte dos namorados Regiane Monteiro e Peterson Fernandes Tenório, em Franco da Rocha, em julho do ano passado. Peterson era usuário de drogas e, supõe-se, um ladrão pé-de-chinelo. O motivo do crime teria sido um furto que o rapaz cometeu, dias antes, na loja de um amigo dos PMs Adauto Aparecido de Andrade e Silva e Sérgio Luiz da Silva. Os pais de Regiane, Aparecida e Ronaldo Guimarães Monteiro, acusam os soldados pelos dois assassinatos e dizem que a filha morreu só por estar acompanhando o namorado.

■ **Caso 5** – IP 298/95 – Samuel Silva Moura, Débora Silva Moura e Pedro Silva Moura foram mortos enquanto dormiam, também em Franco da Rocha, em abril deste ano. Tudo indica que, na verdade, o alvo era um cunhado dos mortos, José Adelson Genuíno da Silva, viciado em drogas e que se envolvera em uma briga com o PM Walter Alves de Medeiros, do 26º Batalhão.

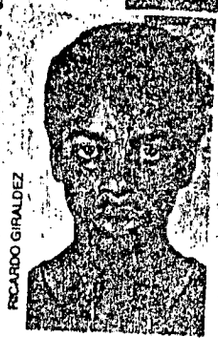


Lixão de Franco da Rocha: um dos locais favoritos para a desova de cadáveres



RICARDO GIRALDEZ

Claudina, mãe de Rivelino (à esq.): "Meu filho vinha sendo ameaçado pelos PMs"



RICARDO GIRALDEZ

■ **Caso 6** – Boletim de Ocorrência 3698/94 – Rivelino Aparecido, 24 anos, que vivia em Mairiporã (SP), tomava banho em uma represa, em novembro de 94, quando se envolveu em uma discussão com os soldados do Corpo de Bombeiros Adilson Aparecido dos Santos e Ademilton dos Santos Morais. Os bombeiros pediram reforço e duas viaturas da PM foram mandadas. Preso, Rivelino foi levado à delegacia de Franco da Rocha, onde a delegada Izabel Cristina Ferraz se recusou a autuá-lo por desacato, como os PMs queriam. Até a sexta-feira 20, Rivelino – que tinha passagem pela polícia como ladrão – continuava desaparecido. Segundo a mãe do rapaz, Claudina, um PM lhe disse: "Ele vai morrer com um tiro na cara." A equipe da DHPP acredita que seja de Rivelino o corpo encontrado em dezembro, em um campo de aviação desativado, em Franco da Rocha. O corpo, enterrado como indigente, deverá ser agora exumado.